

## **VIOLÊNCIAS ESCOLARES: CONTRIBUIÇÕES DO PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

MARIA DE FÁTIMA FERRÃO CASTELO BRANCO  
NATÁLIA FERRÃO CASTELO BRANCO MELO  
VINICIUS CASTELO BRANCO CHAVES

Há, na atualidade, um preocupante crescimento da violência nas escolas, o que é expresso em diferentes configurações: invasões a escolas, estupros, homicídios, entre outras. Além disso, há maior visibilidade desse fenômeno, devido à sua veiculação pelos meios de comunicação.

Segundo Chauí (2001) violência é tudo o que age usando a força para ir contra a natureza de algum ser; é todo ato de força contra a espontaneidade, a vontade e a liberdade de alguém (coagir, constranger, torturar, brutalizar); todo ato de violação da natureza de alguém ou de alguma coisa valorizada positivamente por uma sociedade e, todo ato de transgressão contra o que alguém ou uma sociedade define como justo e como um direito.

Neste contexto, violência é um ato de brutalidade, de abuso físico e/ou psíquico contra alguém e caracteriza relações intersubjetivas e sociais definidas pela opressão e intimidação, pelo medo e o terror, o que se opõe à ética porque trata de seres racionais e sensíveis, dotados de linguagem e de liberdade, como se fossem coisas, transformando-os em irracionais, insensíveis, mudos e inertes ou passivos.

Para Adorno e Córdia (1999), a violência no Brasil sempre esteve enraizada, institucionalizada e positivamente valorizada na solução de diferenças e conflitos entre gêneros, classes sociais, etnias, propriedades, riqueza e privilégios, estando vinculada à sociedade como elemento essencial nas relações sociais, compondo o tecido social brasileiro, envolvendo cidadãos e instituições (escolas, família, trabalho, polícia, prisões, etc.).

Os episódios de violências escolares são classificados em: violência na, contra e da escola. As violências na escola acontecem no espaço escolar, ligadas ou não às atividades da instituição. A violência contra a escola está relacionada à natureza e às atividades da instituição; toma a forma de agressões ao patrimônio e às autoridades da escola (professores, diretores e funcionários) e, via de regra, decorre de ressentimentos de aluno(s) e de certas famílias, e pode estar relacionada à violência da escola. A violência da escola é institucional, simbólica, manifesta-se mediante a organização institucional (Charlot, 2000).

Ao estudar as formas de violências (mental, física, social, psicológica, etc.), observamos a formulação de paradigmas que, dependendo da área de intervenção e da sua especificidade, conduzem a diferentes interpretações. Esta polissemia de compreensões remete a inúmeras orientações, influenciando na construção de ações profissionais dos sujeitos envolvidos. Neste contexto, entendemos que a educação é um tema desafiador, sob qualquer aspecto, principalmente quando associada à adolescência e à educação formal.

Em dados cedidos pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), no Brasil, aproximadamente 60% dos jovens na faixa de 14 a 19 anos já foram vítimas de algum tipo de violência nas unidades escolares (Taquette, 2007). Nesse contexto, podemos observar que a violência integra um sistema amplo de opressão, constituindo-se uma problemática complexa.

A massificação da educação ampliou o número e o perfil dos alunos com os quais a escola não está preparada para lidar, levando a uma desestabilização de sua ordem interna, de seus objetivos, metas e pressupostos. Alguns autores como Burguet (2003) e Tavares dos Santos (2001) afirmam que o conflito e a violência surgem da negação da palavra e do diálogo no espaço escolar.

Acreditamos que uma questão preocupante na educação é como promover a construção de sujeitos com consciência democrática e como autor de sua biografia pessoal e profissional, o que caracteriza um dos grandes desafios da educação na sociedade contemporânea e globalizada.

Para Chrispino e Dusi (2008), a violência escolar é sistêmica e complexa; nesta perspectiva não é razoável esperar que seja superada por ações pontuais e espasmódicas movidas pela comoção de um fato mais contundente que fere a sensibilidade social.

Os modos como a violência se apresenta tornam visível o aparente antagonismo entre partes e todo, entre indivíduo e sociedade, entre indivíduo e pequeno grupo. Indica-nos que não podemos compreender um sistema complexo segundo o pensamento reducionista, ou seja, compreender o todo somente a partir da separação, simplificação e redução das partes. Tampouco, podemos negligenciar as partes em detrimento de um todo homogêneo.

Dubet (2002) alerta para o declínio da escola, pois seus atores são submetidos a lógicas contraditórias, devendo se enquadrar a racionalidades plurais: cultura da produção, busca da cidadania e múltiplas identidades. Nesta perspectiva, surge a necessidade de um aprofundamento das experiências escolares ao lado de outras instituições sociais, principalmente a família.

Para entendermos como o profissional de educação física de hoje, concretamente, pode exercer seu engajamento político e sua competência técnica/afetiva diante do fenômeno da violência, a leitura de Gramsci (1964) poderá possibilitar o entendimento da nova forma de compromisso político que o educador e o intelectual, em geral, precisam praticar.

O interesse de Gramsci (1978) pela educação e pela escola desenvolve-se no mesmo momento em que ele amplia seu estudo sobre o Estado capitalista e rompe com as teorias dominantes no movimento socialista, segundo as quais as idéias não tinham importância, sendo apenas um produto do domínio do capital. É desenvolvendo o princípio educativo que Gramsci formula a noção de escola unitária.

Neste sentido, tomando a instituição escola como um organismo, valemo-nos das palavras de Enriquez (1997, p. 81) ao afirmar que para a psicossociologia "(...) a organização aparece assim como uma modalidade específica e transitória de estruturação e encarnação da instituição". Assim, se a instituição é o lugar do poder, a organização será o lugar dos sistemas de autoridade (da repartição de competências, de responsabilidades). Ao considerar as organizações como estruturações que visam a colocar a ordem em toda parte, estas buscam canalizar a pulsão de vida (ou todos os impulsos criativos dos indivíduos) no sentido do trabalho produtivo e dos objetivos organizacionais. (...) "adotam como valores sempre a eficiência e, às vezes, o dinamismo e a mudança. Tentam então pôr em funcionamento o processo de ligação favorecendo a coesão e a harmonia (...)" (1997, p. 126).

A organização é uma realidade viva, na qual sujeitos vivem seus desejos de afiliação, visam realizar os seus projetos e se vinculam ao trabalho de forma singular, é um sistema cultural, simbólico e imaginário em que se destacam a compreensão do papel do sujeito, os processos grupais, a construção de seu imaginário social e de seu sistema de valores (Enriquez, 1997).

Pelo exposto, percebe-se que ao estudar violências escolares necessita-se ter um olhar para os educadores e alunos na sua integralidade, ou seja, como seres bio-psico-sociais, do mesmo modo que a organização escolar precisa ser sistematicamente avaliada e repensada.

Quanto às formas de enfrentamento das violências escolares, a mediação de conflitos pode se constituir uma das propostas de pacificação do espaço escolar a partir de uma prática de negociação instaurada no interior da escola, em especial nos próprios grupos de alunos, através, por exemplo, da ideia de mediação pelos pares, de forma a criar responsabilidades e tentar satisfazer as necessidades dos jovens, mediante o desenvolvimento de um ambiente solidário, humanista e cooperativo, sendo esta proposta uma das possibilidades de intervenção do profissional de Educação Física.

O trabalho da Educação Física deve incidir sobre as resistências, que também podem ser o lugar da mudança. É um trabalho de análise nos níveis organizacional e grupal que busca mudanças não apenas nas estruturas, mas igualmente nos hábitos, atitudes, mentalidades e nos processos psíquicos. O material privilegiado sobre o qual se faz o trabalho do profissional de Educação Física são caracterizados pelas palavras e condutas, em podem conduzir os sentimentos, as angústias, os temores, as alegrias e os desejos.

Temos considerado que o sentido de produção pode ser captado nas práticas educativas, entendidas como aquilo que os homens fazem em seu cotidiano. Quando pensamos que essa prática é a própria produção humana em todas as instâncias (psicológicas, culturais, políticas, etc.) e que se expressam em comportamentos no ambiente escolar, parece pertinente situar as teorias como práticas produtoras de subjetividades e, portanto, produtoras de realidade psicossocial.

Estudar sobre violências faz com que os profissionais se voltem para o papel que desempenha individual e institucional na sua prevenção e seu enfrentamento, o que remete a sua compreensão como sujeitos neste contexto.

Para Foucault (1995), o sujeito pode significar alguém pelo controle e dependência e preso à sua própria identidade por uma consciência ou autoconhecimento, o que sugere uma forma de poder que subjuga e o torna sujeito a alguma coisa ou a alguém.

Segundo Guattari (1992), a subjetividade é produzida por instâncias individuais, coletivas e institucionais, tratando-se de uma produção plural, não determinista, onde os diferentes registros semióticos não mantêm relações hierárquicas obrigatórias, fixas ou definitivas. Os componentes de produção de subjetividade são múltiplos e envolvem desde os que se manifestam através da família, educação, meio ambiente, religião, arte, esporte e até os elementos fabricados pela mídia.

Os conflitos interpessoais entre os atores das instituições educacionais (professores, alunos e funcionários) e as contradições que se verificam na estruturação da prática pedagógica, muitas vezes expressam contradições vividas no sentido subjetivo, que podem ser explícitas ou permanecer no campo do simbólico.

Sem dúvida estas relações de poder se personificam nos espaços escolares seja por ações diretas e autoritárias, seja por dispositivos invisíveis, expressos através das violências na escola. Relações de poder que acabam por capturar singularidades e processos inventivos potencializadores de transformações.

A obra, do pensador português Boaventura de Souza Santos (2001), permite pensar possibilidades múltiplas acerca de diferentes campos como: crise de paradigmas na modernidade, ciência pós-moderna, formação de subjetividades democráticas e a democracia racial, relacionando tais temáticas à educação na contemporaneidade e ao fenômeno da violência. Seus trabalhos têm como aporte principal, um teor emancipatório e, em especial, a Educação como transformadora da sociedade. Sua preocupação é pensar as instituições de ensino como ambientes democráticos que contribuam para a formação dos sujeitos sociais pertencentes ao espaço escolar enquanto cidadãos participativos, considerando outras formas de saber não manipulatórias estabelecidas pelos grandes centros hegemônicos.

Nesta perspectiva, entendemos que o profissional de educação física, na sua prática profissional, pode exercer a capacidade de interagir tornando os ambientes institucionais mais democráticos e submerso no mundo das afetividades.

## **REFERÊNCIAS**

- ADORNO, S.; CÁRDIA, N. (1999). *Violência em Tempo de Globalização*. São Paulo: Hucitec.
- BURGUET, M. (2003). *Aprender Del Conflict: Conflictologia Y Educación*. Barcelona: Editorial Graó.
- CHARLOT, B. (2000). *Violences À L'école: La Dimension Ethnique Du Problème*. Ville École Intégration, Paris, V. 121, P. 178-189..
- CHAUÍ, M. (2001). *Filosofia*. São Paulo: Martins fontes.

CHRISPINO, A.; DUSI, M. L. H. M. (2008, Oct./Dec). Uma proposta de modelagem de política pública para a redução da violência escolar e promoção da cultura da paz. Ensaio: Aval.Pol.Públ.Educ. Vol.16 No.61 Rio de Janeiro.

DUBET, F. (2002). Le Déclin de L'institution. Paris: Seuil.

ENRIQUEZ, E. (1997). A organização em análise. Petrópolis: Vozes.

FOUCAULT, M. (1995). O sujeito e o poder. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

GRAMSCI, A. (1964) Passato e presente. Torino: Einaudi Ed., 1964.

GRAMSCI, A. (1978) La costruzione del Partito Comunista (1923-1926). 5. ed. Torino: Einaudi.

GUATARRI, F. (1992). Caosmose. Um Novo Paradigma Ético-Estético. Rio de Janeiro, Ed. 34.

SANTOS, B. de S.(2001). Seis razões para pensar, *Lua Nova*, São Paulo, 54, 13-42.

TAQUETTE, S. R. (2007). Mulher adolescente/jovem em situação de violência – Proposta de intervenção para o setor da saúde. Módulo de auto-aprendizagem. Brasília: Secretaria De Políticas Para Mulheres.

TAVARES DOS SANTOS, J. V. (2001, Jan./Jun). A violência na escola: conflitualidade social e ações civilizatórias. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, V. 27, N. 1, P. 105-122..